

Insurgência e re-existência: formulações e re-formulações da cultura caiçara frente ao avanço do turismo (Paraty-RJ)



Suzana Lopes Salgado Ribeiro¹

Suelen Moreira²

Juliana Marcondes Bussolotti³

Ana Claudia Moreira Rodrigues⁴

Resumo

Este artigo tem como tema os conflitos do embate da cultura tradicional caiçara (local) com a cultura externa (global) à Paraty, Rio de Janeiro. O trabalho aponta os desafios enfrentados pelos moradores nativos, dado o crescimento do turismo, que vêm, ao longo dos anos, descaracterizando as regiões costeiras e a cultura regional. Neste contexto, propomos uma análise das formas de resistência da preservação da cultura caiçara, destacando ações dos moradores e exemplificando outros tipos de resistência, destacando a memória como uma dessas ações. A proposta é entender como os conhecimentos históricos e considerados tradicionais por parte dos moradores dessas comunidades, podem servir como ponto de resistência, de re-existência e de resgate da cultura local, para preservar seus modos de vida.

Palavras-chave: Paraty. Cultura caiçara. Identidade. Memória.

¹ Suzana Lopes Salgado Ribeiro é professora, pesquisadora e mulher. Graduiu-se em História pela Universidade de São Paulo (bacharelado 1998 e licenciatura 2003). No programa de História Social - USP, fez mestrado (2002) e doutorado (2007 - com estágio na Columbia University-NY).

² Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal Fluminense e cursando Especialização em Alfabetização e Letramento pela Universidade Anhembi Morumbi. Licenciada em História pela Universidade de Taubaté.

³ Graduação em Escola de Comunicação e Artes pela Universidade de São Paulo, pós-graduação lato sensu em Designer Instrucional pela Universidade Federal de Itajubá, mestrado em Ciências Ambientais pela Universidade de Taubaté e doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista.

⁴ Formada em licenciatura em História pela Universidade de Taubaté-SP. Devido ao seu bom desempenho, foi selecionada pela FLUPP - Fundação Lucia e Pelerson Penido.

Abstract

This article has as its theme the conflicts of the clash between traditional caiçara culture (local) and external culture (global) in Paraty, Rio de Janeiro. The work points out the challenges faced by native residents due to the growth of tourism, which has, over the years, mischaracterized coastal regions and regional culture. In this context, we propose an analysis of the forms/actions of resistance to the preservation of the caiçara culture, highlighting memory as one of actions. The proposal is to understand how historical knowledge, considered traditional by the residents of these communities, can serve as a point of resistance, re-existence and rescue of the local culture, to preserve their ways of life.

Keywords: Paraty-SP. Caiçara culture. Identity. Memory.

Introdução

As transformações culturais acompanham a vida das sociedades. Sabemos que a cultura é a base para a produção identitária e ambas são processos de uma construção sócio-histórica. No Brasil, podemos dizer que alguns momentos marcaram e potencializaram trocas, em sua maioria violentas, que aceleraram o processo de formação da cultura brasileira e a hibridação de culturas e etnias.

Pretendemos, portanto, ao abordar a cultura das comunidades caiçaras de Paraty-RJ propor uma análise das formas de resistência da preservação da cultura caiçara, a partir da ótica da produção de identidades culturais, como um processo de formulações e reformulações, móvel e em constante diálogo. Para isso, compreendemos que tais grupos lidam e lidaram historicamente com processos de hibridação cultural, de maneira a produzir, mediante a convivência com o diferente, um modo de vida bastante próprio.

Etimologicamente, o conceito de cultura procede ao conceito de natureza. É originária do latim *colere*, cultivar, relacionado às atividades agrícolas. Por muito tempo, o termo foi ligado a abstração da moralidade e intelectualidade pelo domínio da língua, da escrita, das ciências exatas e dos valores tidos como “corretos” ou “melhores”, estabelecendo uma assimetria entre as diferenças presentes na vida dos sujeitos e suas sociedades.

A cultura se miscigena com a vida psicológica e a realidade social de um povo ou nação, o seu cotidiano, as suas vivências, as suas especificidades, em síntese, aquilo que caracteriza determinada comunidade. Sendo assim, a cultura também deriva dos meios de comunicação em massa, sendo produto da atividade econômica incorporada ao capitalismo industrial e financeiro, e que busca introduzir produtos padronizados para o consumo.

Conforme Gertz apontou em seu texto “Studies in peasant life: community and society”, a questão central “is to discover how these two sorts of tradition interact-how they communicate with and modify one another and how sophisticate and folk culture are interrelated within the larger culture that composes the civilization as a whole” (1961, p.3). A questão que se coloca “is not the intensive study of very small, territorially localized groups of people apt to be as misleading as enlightening so far as the comprehension of a complex society is concerned, or even of a peasantry as part of such a society?” (1961, p. 7).

Assim, tendo em vista que a cultura é condição básica de existência dos seres humanos, produto de um processo contínuo, dinâmico e complexo se produzem significados para diferentes ações. Esses sentidos e significados criados incluem a mediação das relações entre indivíduos. A noção de cultura, contextualizada historicamente, nos permite a compreensão de questões estruturais de um grupo ou sociedade. E é isso que tentaremos esboçar em relação a cultura caçara do município de Paraty tendo duas localidades como foco do estudo a comunidade da Praia do Sono e a comunidade de Ponta Negra.

Para tanto será importante, também, mobilizar a noção de identidade cultural, que segundo Stuart Hall são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2005, p.7). No caso da presente pesquisa, com o avanço do turismo, podemos ver que “o discurso da cultura nacional constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro” (HALL, 2005, p.56). Neste artigo, pretendemos compreender essa produção de identidades culturais como processo de formulações e reformulações contínuo e não fixo. Hall ainda lembra que no contexto contemporâneo a ideia de uma expressão da cultura que se mostre como “um único povo” não passa de um mito, pois as “nações modernas são todas, híbridos culturais” (HALL, 2005, p.62). E é assim, como híbrido cultural, como interrelação que propomos a cultura emergente nas comunidades estudadas.

O crescimento do processo de globalização faz com que a culturas externas atinjam diversas localidades e grupos sociais, de modo que sua incorporação é praticamente compulsória. Por outro lado, a chamada cultura popular é costumeiramente vista como manifestação daquilo não incorporado pela cultura “global” ou “sofisticada”. Ou seja, como algo “puro”. Outra perspectiva foi compreender a existencia de uma “bifurcation of culture into high and low, sophisticate and folk” (GEERTZ, 1961, p.5).

A proposta é ver menos “pureza” ou “oposição” em cada uma dessas dimensões culturais e pensar sobre o que “querem enfatizar em contraste com o processo que tenta fixá-las - aquilo que trabalha para contrapor-se à tendência a essencializá-las” (SILVA, 2014, p.87), não esquecendo de que:

“[...] a hibridização se dá entre entidades situadas assimetricamente em relação ao poder. Os processos de hibridização analisados pela teoria cultural contemporânea nascem de relações conflituosas entre diferentes grupos nacionais, raciais ou étnicos. Eles estão ligados a histórias de ocupação, colonização e destruição. (SILVA, 2014, p.87)

A identidade cultural caiçara, portanto, não pode ser fixada, ou vista como única. Ela é o resultado de uma interação desigual, fruto da assimetria de poder. É resultado da hibridização, que não é dada apenas por uma cultura hegemônica (BHABHA, 1998).

Essa breve discussão nos serve como base para compreendermos que cultura é algo construído e é particular de cada comunidade. Para mais, ela influencia de forma dinâmica as crenças e os comportamentos, além de ser expressa em diversas esferas do conhecimento como, por exemplo, a culinária, o artesanato, o cotidiano, a moral, os costumes, entre outros, particularizando cada comunidade e englobando o modo de vida de seus componentes. A seguir, vamos mostrar um pouco da realidade de duas comunidades caiçaras situadas em Paraty-RJ.

Ambas as comunidades estão situadas na região da Costa Verde, no extremo sul do estado do Rio de Janeiro, a cerca de 30km do centro de Paraty cujo acesso se dá por terra, caminhando por uma trilha e por mar utilizando barcos. Seus habitantes vivem da pesca, da agricultura, do artesanato, do aluguel de suas casas e de pontos comerciais como restaurantes, barracas de açaí que se fixaram na orla – as duas últimas atividades muito ligadas ao turismo. A Praia do Sono é uma faixa longa de areia clara, cercada pela serra do mar e sua vegetação de mata atlântica. A comunidade de Ponta Negra se estabeleceu em uma enseada menor e recebe turistas que vêm conhecer a região da Ponta da Joatinga e Baía de Cajaíba.

Sobre as trilhas, bastante procuradas por jovens turistas, há estudos sobre seu o impacto ambiental, a medida em que estão localizadas ao sul da Reserva Ecológica da Joatinga (RANGEL, MARTINS e GUERRA, 2013), este é fator importante de reflexão sobre as dinâmicas econômicas e culturais que ora se estabelecem nas duas localidades.

1. Identidades caiçara

A confluência da presença e das contribuições das diferentes matrizes étnico-raciais na cultura brasileira é perceptível em elementos da cultura caiçara. Tal hibridação pode ser percebida nas comunidades estudadas através da religião, muito influenciada pelo catolicismo, o que é perceptível em diversas festas religiosas que ocorrem na cidade. Os conhecimentos indígenas e africanos das técnicas de cultivo e pesca foram adaptados às condições locais. A título de exemplo, o litoral foi inicialmente o local das primeiras bases de povoamento, as canoas e redes eram imprescindíveis para a subsistência indígena, elemento que mais tarde foi incorporado à cultura caiçara.

As populações caiçaras que habitam o litoral dos estados do Paraná, de São Paulo e do Rio de Janeiro, têm origem na miscigenação entre o colonizador português, o índio e o negro. Ao relativo isolamento em que essas populações estiveram vivenciando no decorrer da evolução do desenvolvimento das regiões... Estabeleceram uma relação simbólica em que a praia, a montanha e o mar adquiriram significados especiais e diferenciados em relação aos significados de quem é "de fora". Nesta relação material econômica e subjetiva simbólica) com a terra que se constituiu a identidade caiçara, não podendo ser desvinculada dos territórios vividos, "nos seus diversos espectros" (SIMOES, NAVARRO, BUSSOLOTI, 2016).

Entendendo que a cultura se adapta, se transforma, mesmo mantendo um núcleo fundamental dos modos de vida caiçara, Diegues (1988, p. 9) ressaltando esse núcleo identitário especifica que o termo "caiçara" trata de "uma denominação local para aquelas comunidades e indivíduos que vivem ao longo do litoral dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. Elas apresentam cultura e um mundo de vida que os diferencia das comunidades tradicionais do interior desses estados (caipiras)".

Em alternativa, os entrevistados desta pesquisa têm sua própria definição do ser caiçara. Para eles, são caiçaras porque são filhos da terra. As entrevistas foram conduzidas segundo os procedimentos da História Oral temática e vertidas em documentos, após transcrição e conferência com os narradores (RIBEIRO, 2007). Em entrevista, o presidente da Associação de moradores da comunidade e morador da Praia do Sono, afirma que é caiçara e aponta:

Sou caiçara por vários fatores, conhecimentos tradicionais que a gente adquire ao longo da vida, o aprendizado e tal, pela nossa luta "pra" manter

esse local intacto, protegido como está hoje, que é umas das maiores referências do Brasil. Uma das únicas comunidades que tem luz elétrica devido a uma luta histórica da população e também é a única comunidade que ainda mantém a maioria dos moradores enquanto caiçaras, muitas comunidades já perderam isso, algumas têm muitas pousadas, muitos condomínios, marinas e aqui a gente não deixa entrar esse tipo de coisa. [...] Ah, ser caiçara é uma função, é uma dádiva diferenciada, considero caiçara porque nós temos um vínculo com a terra e ao mesmo tempo com o mar. O pescador é muito fragmentado, o pescador só tem contato com o mar e aí o território dele fica fragilizado e não é entendido como vínculo da cultura dele, já o caiçara é diferente, tem um vínculo cultural bem extenso, que transcende as gerações e o entendimento dele é que tanto no mar quanto na terra ele domina a sabedoria, que se refere ao saber tradicional. (Jadson dos Santos, morador da Praia do Sono).

Para Jadson dos Santos, ser caiçara é algo bastante complexo e que compõe questões da tradição dos saberes, do vínculo entre terra e mar, e a diferenciação com outras formas de identidade culturais, como a dos pescadores e a de outras comunidades. Podemos dizer que existe, portanto, uma forma de ser caiçara na Praia do Sono. Soma-se a essa identidade cultural a luta desse grupo de pessoas para proteger seu território e seus costumes, assim como para melhorar suas vidas, trazendo energia elétrica para a localidade. Logo, são os habitantes do local que se unem para decidir o que os define como caiçara.

Para esses sujeitos é importante habitar uma região de paisagens naturais, sendo protagonistas nessa luta pela preservação. Entretanto, é preciso levar em conta que a conservação estabelecida pelo Estado na forma de delimitação de parques, tem seus impactos para a vivência local. Por um lado, ajuda na conservação, mas por outro pressiona o crescimento do turismo de segunda residência com grande especulação imobiliária.

Nas narrativas, os moradores do local indicam que outras comunidades foram bastante impactadas, mas Jadson dos Santos afirma que a luta e resistência da população local, por habitarem esse território, é uma das diferenças entre eles e outras comunidades. Ou seja, o pertencimento, faz com que esses sujeitos permaneçam e estabeleçam vínculos identitários com o local e com as ações que desempenham nele, assim como com os sentidos e significados a elas atribuídos.

As principais atividades econômicas dos entrevistados eram baseadas na pesca, no plantio e no artesanato. Contudo, o momento presente propiciou aos caiçaras novos empreendimentos, como o aluguel de suas residências, trabalho no transporte de turistas, trabalho em restaurantes e/ou abertura de estabelecimentos próprios. Ou seja, a chegada do turismo tem impactos nessa comunidade e modifica suas relações.

Diante do contato dos caiçaras com as populações externas à comunidade, alguns de seus aspectos culturais foram modificados. Nessa perspectiva, preservam as suas tradições, incorporam inovações, e reconstroem suas identidades na luta pelo território, em um processo diário de negociação cultural. Essas adaptações não os tornam “mais ou menos caiçaras”.

A fala de seu representante mostra que a comunidade conserva valores, crenças e vivências, mantidas nas relações atuais e que serão passadas para as gerações futuras, permitindo que transformem e se transformem em práticas e hábitos, além de saberes do grupo. Ou seja, é uma comunidade, que imaginando ou não suas tradições (HOBBSAWM e RANGER, 1984), as valoriza.

A seguir, temos um exemplo de saber ou tradição contada por Antônio de Souza, morador de Ponta Negra. Esse conhecimento é passado de geração em geração na sua família.

Eu enjoava muita água, enjoava muito mar, meu pai chegava na praia, puxava canoa, me botava no ombro e carregava. Eu vomitava muito, aí tomava água salgada. [...] meu pai matava Garoupa, tirava a lula, tirava o Guaiá, que a Garoupa comia em tirinha e tava fresquinho ainda no bucho, aí esquentava só na brasa e comia “pra” parar o enjoo, depois nunca mais enjoei no mar. (Antônio Germano de Souza, morador da Ponta Negra)

Embora comumente seja retratada como simples por pessoas de fora da comunidade, a vida do caiçara frente aos dilemas da contemporaneidade revela um desafio complexo. Eles estão formulando e reformulando sua cultura identitária frente às preocupações com a preservação ambiental e cultural, e novas formas de renda e trabalho, representadas pelo turismo. Assim, o cotidiano que antes se destinava às práticas da pesca, da agricultura e no modo de se relacionar com a terra e o mar, passa a conviver com novas formas de existência que se redefinem, ao mesmo tempo que resistem.

Evidente que a intensa relação homem/ambiente é uma das principais características da vida nessas comunidades. Isso é resultado da hibridação cultural que constitui saberes muito diversificados ao longo do tempo. Desse híbrido, se formaram métodos de pesca, agricultura, religiosidade, do cuidado da terra à preparação de alimentos, mesclando essas heranças com novos saberes.

O relato do senhor Antonio Germano de Souza mostra a importância do plantio para a economia do local há décadas. “Também tinha a minha roça, plantava, colhia, vendia.

Eu plantava banana, plantava rama, e muitas verduras, se eu falar ‘pra’ você o dinheiro do meu casamento foi de banana da terra, que eu vendia.”

A partir dessas falas, é possível retomar Diegues (2008) que indica que comunidades tradicionais:

... estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis. (DIEGUES, 2008, p. 89)

Para o autor uma das características deste modo de vida e produção “é o conhecimento que os produtores têm dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares, etc” (DIEGUES, 2008, p. 89). Neste sentido, destacamos que os entrevistados pontuaram que na culinária, um de seus costumes é preparar o peixe junto à farinha de mandioca, sendo uma de suas receitas mais populares. Segundo relatos de moradores, o peixe é indispensável na dieta caiçara.

Aqui a principal comida do caiçara é o pirão de peixe, prato conhecido como Azul marinho. E tem diversas comidas, tem pirão de galinha caipira ou galinha caiçara como chamam, mas o pirão de peixe é a principal comida e também tem o peixe seco, hoje ainda tem muitas pessoas que fazem. [...] é uma técnica usada pelos portugueses quando vinham para o Brasil, e já que não tinha gelo na época, nem energia eles usavam peixe seco, e nós adquirimos juntamente com os índios também adquirimos a técnica de fazer o peixe seco. (Jadson dos Santos, morador da Praia do Sono)

Vale ressaltar que, os saberes relacionados à pesca dão conta de uma variedade de conhecimentos aplicados em seu cotidiano, sobre a dinâmica dos ventos, do mar e da maré. Tais saberes foram percebidos nos diálogos estabelecidos, durante o trabalho de campo, e os consideramos como fundamentais para o auxílio na pesca, no cultivo e no artesanato. Tainá Miê Seto Soares aponta esses traços indígenas na composição dos saberes caiçaras.

Todas essas práticas estão relacionadas com tecnologias indígenas de adaptação ao ecossistema envolvente. Independente de a herança indígena ter sido genética e/ou cultural e esses povos serem descendentes dos Guaianás locais ou de outras tribos realocadas, é importante perceber que sua cultura material e imaterial tem raízes indígenas. O fazer farinha, a queimada controlada, denominada coivara até os dias de hoje, as armadilhas de caça, os laços, as cuias, o tabaco, os trançados, balaio, a cerâmica, a época dos plantios, o peixe seco, as sementes, as trilhas e a puxada de

canoa que remonta inclusive práticas de habitantes pré-históricos. Inclusive através da nominação, tapitis, coivara, taioba, urucum, parati, Jussara, Indaiá entre tantos outros nomes de armadilhas de pesca e caça, bem como de alimentos e lugares. (SOARES, 2006, p. 45)

Outro hábito presente no cotidiano caiçara são as festividades. Estas possibilitavam o encontro de moradores de diferentes comunidades, sendo importantes para o fortalecimento de laços na luta pelo território e aumentando o vínculo entre os diversos grupos. Contudo, tais práticas estão cada vez mais incomuns, e os festivais são reduzidos a cada comunidade. Soares discorre acerca de festas e bailes mais populares, que raramente acontecem na atualidade.

Entre os antigos caiçaras, eram frequentes também os bailes rurais e as festas religiosas. Aconteciam quase que semanalmente, variando de praia em praia. Grandes bailes eram feitos pelos festeiros de cada praia, os bailes comentados como muito bons eram os do Mamanguá, na Praia do Cruzeiro, na Praia Grande, no Pouso e na Ponta Negra. Era um importante espaço de socialização em que os moradores das praias afastadas podiam encontrar-se, os jovens arranjar em namoros, os mais velhos passarem aos mais jovens conhecimentos, já que havia a dança dos velhos, dos adultos, dos jovens e das crianças. Dançavam as cirandas, o bate-pé, o caranguejo, o lenço, a dança dos velhos, dos marujos, entre outras que são lembradas com nostalgia pelos mais velhos e pelos jovens que ainda viram seu final. Eram danças de roda, com troca de casais, em que a marcação era feita na batida do tamanco de madeira no chão de tábuas corridas. (SOARES, 2006, p. 53)

Com relação ao campo religioso, é nítido a presença do catolicismo e protestantismo, devido ao grande número de igrejas evangélicas existentes em diversas comunidades, bem como dos mitos indígenas e africanos. Soares, em sua pesquisa apontou traços dessas diversidades religiosas.

Na região do Saco do Mamanguá, as comunidades caiçaras têm uma presença negra muito forte. Cultos afro-americanos ocorriam em terreiros e a presença de “tentos”, ou sacis, foi muito relatada. [...] Festas a Iemanjá permaneceram na região, devida a força do arquétipo que representa. Essa entidade afro-americana, ligada aos cultos de feminilidade e governança das águas, é muito reverenciada pelos pescadores e aqueles que dependem do mar. (SOARES, 2006, p. 55)

Eliana do Pilar Rocha também apontou a presença do rito no cotidiano caiçara: “os benzimentos aparecem muito, no entanto, antes da ida para o mar, pelos homens e antecedendo a entrada na mata, pelas mulheres. Neste caso, benzem-se para livrar-se dos perigos e pedir proteção de Nossa Senhora, para afastar o mal de seus caminhos” (2005, p. 62).

Posto isto, é possível perceber a complexidade das crenças existentes nas comunidades da região costeira de Paraty. Conhecendo a vida e o cotidiano do caiçara é possível perceber que a sua cultura e seus valores transmitidos entre gerações se faz presente nos detalhes: no modo como a rede é remendada, no cozimento do peixe, no plantio da mandioca, na simplicidade das festas, nos detalhes do artesanato, em suma, na sobrevivência dos costumes no cotidiano. Dessa forma, são por essas particularidades tão presentes na sua composição – técnicas, costumes e crenças – que o caiçara é reconhecido e é aquilo que o define. Contudo, é preciso, nesse momento, discorrer sobre uma diversidade de formas de re-existência, que a cada dia se formulam e reformulam frente à convivência com o turismo.

2. Dinâmicas culturais

Diversas transformações ocorreram durante toda a história das comunidades caiçara, e processos de negociação foram sendo estabelecidos de forma a gerarem adaptações e transformações culturais. Para Milton Santos:

Em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai tornando-se cada vez mais complexo exigindo mudanças correspondentes às inovações. Através das novas técnicas vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, de uma configuração territorial por outra. (SANTOS, 1997, p. 67)

Tais mudanças são perceptíveis na rotina caiçara. Sua cultura não permaneceu imóvel, havendo inserção de outros valores e conhecimentos nas comunidades, proporcionado, principalmente, pelo crescimento do turismo na região. Em relato, Jadson Santos declara essa divergência entre a cultura local e a cultura externa:

Tem pessoas que acham que “chega” aqui apertou a maquininha e já caiu o café, sendo que a luz chegou aqui em 2009, eu lembro como se fosse agora, 19 de dezembro de 2009, e nós lutamos “pra” caramba. [...] o turista tem que chegar aqui e pensar na comunidade desprovida de instituição escolar, não de educação, mas de instituição escolar, já que somos muito educados “né”, mas também poder contribuir com a nossa cultura. (Jadson Santos, morador da Praia do Sono)

Sabemos que a cultura não é estática e, portanto, é válido ressaltar que os saberes tradicionais passam por transformações que podem contribuir para mudanças no modo de

vida caiçara. Por exemplo, inicialmente os pescadores utilizavam canoas feitas a mão, rústicas, e extraíam a madeira de árvores que eram cultivadas nas roças da comunidade para a sua fabricação. Atualmente, os caiçaras empregam o uso de barcos a motor, o que proporciona maior agilidade em seu trabalho.

A tradição caiçara é entendida como um conjunto de valores, de visão de mundo e de simbologias, de tecnologias patrimoniais, de relações sociais marcadas pela reciprocidade, de saberes associados ao tempo da natureza, de música e danças associadas à periodicidade das atividades de terra e de mar, de ligações afetivas fortes ao sítio e à praia. Essa tradição, herdada dos antepassados, é constantemente re-atualizada e transmitida às novas gerações pela oralidade. É por meio da tradição que são usadas as categorias de tempo e espaço e é mediante essas últimas que são interpretados os fenômenos naturais (DIEGUES, 2004, apud SANTOS, 2013, p. 2).

Sendo assim, mesmo os antigos saberes transmitidos por meio da oralidade e da experiência cotidiana não se apartam dos novos, estes adquiridos devido à necessidade de modificações frente ao avanço das tecnologias. Neste sentido, importa ponderar que os novos saberes foram produzidos a partir da realidade e em conjunto com esses sujeitos.

A resistência é, portanto, um processo de integração econômica, social, política e cultural, o qual se impõe, baseado em uma lógica hegemônica externa às comunidades, novos modos de pensar, viver, comer e ser, que passam a estar presente nelas. É preciso, nesse processo, separar as contribuições e verificar o que pode ou não ser aceito a partir da avaliação das comunidades.

A acessibilidade aos meios de comunicação foi ampliada e, como resultado, a transmissão de diversos valores culturais. Desse modo, as diferentes culturas e os diferentes costumes podem interagir sem a necessidade de uma conexão entre diversos territórios. Os efeitos da globalização estão abrindo as fronteiras, adentrando em diferentes línguas e costumes, criando uma aldeia global única e inteiramente nova. Esta nova situação oferece oportunidades inéditas de prosperidade, mas pode ser extremamente exigente no preparo das organizações e da nação como um todo para delas usufruir. (MENEGBELLI, 2016, p.2)

À medida que trocas vão se dando é possível observar que costumes e valores de comunidades tradicionais ou culturas regionais se mesclam a alguns elementos globais.

Parte da importância desse artigo é justamente mostrar os focos de resistência e manutenção de um estilo de vida muito particular.

Nas duas comunidades estudadas, a da Praia do Sono e de Ponta Negra, percebemos uma estrutura de produção e organização do trabalho geradora de identidade e de pertencimento. No entanto, mesmo este cenário é bastante complexo e contraditório. Concomitantemente, observamos a existência de formas locais de trabalho, como o artesanato, que persiste nos afazeres cotidianos.

As contradições estão no significado atribuído a essas peças para os diferentes grupos que entram em contato com elas. Para os caiçaras elas são formas de manter sua identidade e mostrar seu saber fazer. Já para muitos turistas, o significado está no objeto em si, podendo ser um mero item de decoração. Apesar do comércio das peças para os turistas ser importante fonte de renda, o seu fazer é compreendido neste artigo como ato de re-existência, de reformulação da cultura caiçara, que vive modificações frente a interação com os turistas e com o turismo. Sendo assim, tentamos aqui mostrar a complexidade da situação de acompanhar essas comunidades em seu processo de adaptação e resistência atual.

A vida cotidiana faz com que os produtos do trabalho da comunidade assumam múltiplas funções, sejam meios de produção que sirvam a todos, sejam produtos de decoração para os turistas. Com isso, o trabalho da comunidade, tão importante para a sua cultura e modo de vida, ganha um novo significado frente ao turismo, ao mesmo tempo que seus conhecimentos são igualmente transformados pelo contato. Dada esta situação, os caiçaras pensam e buscam soluções para que os novos desafios de desenvolvimento econômico e social preservem os valores humanos, os costumes e as tradições.

Valorização da cultura e seu caráter contra-hegemônico. Tendo em vista essa crescente aceleração de nosso tempo e a desvalorização das histórias de cada local, é importante promover a valorização dos costumes das comunidades tradicionais. Um caminho para tal é a preservação da memória. Para Cunha, a memória contribui na fixação de experiências na vida individual e coletiva, consistindo nos conhecimentos específicos expressados por diversas gerações.

Tal convívio se configura como sendo uma espécie de processo de comunicação do homem com o meio social em que se insere. Este tipo de processo é observado apenas nos humanos, pois através deste torna-se capaz de produzir e transmitir saberes, permitindo assim que nós possamos nos servir do conhecimento acumulado por nossos antepassados.

Neste sentido, a cultura também pode ser percebida como um processo de preservação da memória social (CUNHA, 2009, p. 38).

A memória é componente essencial para o desenvolvimento da identidade cultural individual e coletiva, devendo ser reconhecida e preservada. Halbwachs cita, “esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam” (1990, p. 32), desse modo, é necessário preservar a memória para que não se perca momentos vividos e que contribuem para a formação da identidade de um povo. Em concordância, Cunha afirma, “a memória configura-se como um bem humano ao qual se confere o valor de legado e herança social, e como tal necessita de curadoria, conservação e preservação para sobreviver às gerações” (2009, p. 40). No caso de comunidades tradicionais essa memória, que passa o saber fazer se constitui como importante instrumento para a conservação da cultura e do meio em que estão.

É importante salientar que conservar a memória de uma sociedade não significa estagnar no tempo, pois segundo Le Goff, “o passado é uma construção e uma reinterpretação constante [...]” (1982, p. 26). Seguindo esse mesmo raciocínio, o autor também cita que “a maior parte das sociedades considerou o passado como um modelo para o presente. Nesta devoção pelo passado há, no entanto, fendas através das quais se insinuam a inovação e a mudança” (1982, p. 179), ou seja, por mais que se preserve as tradições passadas, nada será repetido da mesma forma, pois acontece em um outro contexto, outro período, com outras pessoas. Além do mais, a própria memória passa por transformações. A respeito disso, Pierre Nora diz:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 09)

Todavia, mesmo a memória sendo frágil e mutável, sua preservação é de suma importância, a fim de impedir que se percam conhecimentos tradicionais e identidades culturais. Por meio do reviver da memória coletiva e de seus mecanismos sociais de preservação é possível compreender quais os elementos que formam a estrutura de uma sociedade, suas tradições, sua moral, seus rituais etc., que são transferidos por várias gerações. No caso, a não preservação da memória da tradição da cultura caiçara contribuirá para a perda da sua identidade cultural, podendo levar a um processo de aculturação.

Dessa forma, a preservação da memória é fundamental para preservar a história de um povo e dar sentido e significado a sua existência. Despertar nas pessoas das próprias comunidades a importância de tal preservação é uma forma de resistência contra a erradicação de sua cultura. Do mesmo modo, reconstruir e transmitir experiências do passado são formas de resistência de um povo.

Halbwachs trata a importância da resistência acerca da memória coletiva:

Um outro habitante, para quem esses velhos muros, essas casas decrepitas, essas passagens escuras e essas ruas sem saída, faziam parte de seu pequeno universo, e cujas lembranças se ligam a essas imagens, agora apagadas para sempre, sente que toda uma parte de si mesmo está morta com essas coisas e lamenta que elas não tenham durado, pelo menos tanto tempo quanto lhe resta para viver. Esses pesares ou mal-estares individuais, não têm efeito, porque não dizem respeito à coletividade. Um grupo, ao contrário, não se contesta em manifestar que sofre, em indignar-se e protestar na hora. Resiste com todas as forças de suas tradições, e essa resistência não permanece sem efeito. Tenta se manter ou adaptar a um quarteirão ou rua que não são mais para ele, mas sobre o terreno que já foi seu. (HALBWACHS, 1990, p. 137)

Para a preservação da memória e resistência cultural de um povo, são imprescindíveis os relatos orais, bastante comuns nas comunidades tradicionais, e a troca de conhecimentos que estabelecem mínimos comuns.

Assim, entendemos que este artigo tem o papel de auxiliar na preservação das memórias da população caiçara de Paraty. Isto porque ao registrar as histórias pudemos mergulhar no universo das comunidades e estabelecer um diálogo com a academia.

Paralelamente, ao construir as histórias de vida faz-se com que cada narrador se transforme em personalidades centrais dos acontecimentos daquela comunidade e tenha a oportunidade de mostrar suas próprias percepções. Com essa perspectiva, não se pretende forjar “novos heróis”, mas apenas comprovar que qualquer colaborador é tão importante como agente histórico quanto os líderes ou os governantes reconhecidos pela “história oficial”... (RIBEIRO, 2007, p.41)

Além dos relatos orais que já ocorrem nas comunidades como forma de preservação da cultura local, o estímulo do cultivar valores em comum, além da confiança na resistência e na ação pela preservação de sua cultura, pode ser visto como atitude positiva.

Outro elemento significativo que pode contribuir para a preservação de culturas locais é o apoio político dos órgãos públicos da cidade. Os movimentos de resistência cultural

local serão mais fortes quando existir a sua volta um ambiente favorável e o suporte das políticas públicas.

Com isso é preciso destacar como a ação desse movimento social junto às comunidades faz parte do processo de resistência ao avanço homogeneizador do fenômeno da globalização. Essas ações são resposta efetiva para pessoas que sofrem as consequências da falta de políticas públicas sérias da gestão neoliberal. (RIBEIRO, 2002, p.63)

Esse apoio político é muito reduzido na comunidade da Praia do Sono. Em entrevista o morador discorre acerca do assunto.

[...] nós temos o Fórum que tem diversas comunidades, nós somos cinquenta comunidades, nós “tamos” trabalhando praticamente com vinte e poucas comunidades hoje, [...] nós temos doze articuladores na comunidade onde viajam “pra” caramba, nós chegamos de Goiás ontem (dia 2 de agosto) e dia onze já “vai pra” Brasília discutir Turismo de Base Comunitária lá no meio de ministérios. A coisa é assim, só que o município ele “tá” distante dessa nossa discussão, hoje estamos com proposta viável, a proposta de saneamento é viável, é viável e concreta, temos um projeto concreto, o negócio “tá” feito só basta o fomento da prefeitura e eles darem crédito a proposta viável para essa região como a do Turismo de Base Comunitária, que a gente “tá” debatendo o roteiro. Falta um comprometimento do poder público, a palavra é essa. (Jadson dos Santos, morador da Praia do Sono)

Outro importante fator para a resistência da cultura local é a presença de uma liderança nos movimentos de resistência. Quanto mais efetiva for a liderança, maior é a organização do movimento, tendo como papel operar seguindo as decisões e desejos dos moradores das comunidades tradicionais.

Um exemplo de liderança é o presidente da associação de moradores da comunidade da Praia do Sono, que luta e busca soluções para a preservação da tradição e dos interesses da população da comunidade.

[...] eu sempre fui liderança desde criança, e hoje a gente tem vários movimentos, inclusive eu sou do Movimento Fórum de Comunidades Tradicionais, que tem essa política do território de comunidades caiçaras e principalmente tradicional que discute a política do Brasil todo. O debate que nós fazemos é que o caiçara não abdique da terra que ele vive, mas trazer as políticas de direito deles “pra” que possa fortalecer a regularização fundiária, demarcação e proteção legal que se refere ao território de subsistência, enquanto direito dele e de gerações futuras.

[...] Hoje estou como presidente da Associação de moradores, mas já fui de outras diretorias, eu aceitei no fim do ano passado por vários fatores, mas é um trabalho de todos, tem que ser de todos não só presidente “né”.

[...] Temos um grupo chamado Observatório, um movimento técnico e político, ao mesmo tempo tem os técnicos tem os políticos também, nós somos políticos, nós temos que mudar essa concepção política, política é o que a gente “tá” fazendo aqui agora, [...] pra gente a política é essa e a questão cultural vem em primeiro lugar pra gente. Hoje nós “tamo” com algumas ações dentro do projeto cultural, a gente “tá” com Ponto de Cultura, o Ponto de Cultura em parceria com o Pouso da Cajaíba que é outra comunidade caiçara, e nós fizemos várias ações culturais, só que assim, a gente queria chamar atenção do município de Paraty, nós “tamo” com o Ponto de Cultura e queria “entrar dentro” da escola. Pra gente é assim, discute educação, saúde, cultura, tudo junto, uma coisa influência na outra. (Jadson dos Santos, morador da Praia do Sono)

Esse movimento conta ainda com a educação. Levar os saberes tradicionais para dentro da escola de todo o município paratiense, não apenas das comunidades costeiras, é uma estratégia importante de reconhecimento das comunidades e disseminação de seus saberes.

Paulo Freire discute sobre a importância do reconhecimento e a assunção da identidade cultural, sendo um fator imprescindível na prática educativo-crítica. Para o autor, “a questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado” (2010, p. 41-42). Sabendo da importância da educação na preservação da cultura tradicional, os caiçaras da Praia do Sono tentam a implantação de um ensino diferenciado nas comunidades caiçaras.

Hoje a gente tem fora da escola “né” uma grande quantidade de crianças com anos pra cima que não estuda, que terminaram o 5º ano e não estão na escola e isso pra gente é muito ruim “né” e são crianças que serão lideranças, serão moradores amanhã aqui e deveriam ser instruídos melhor “pra” poder defender a causa, a terra deles e defender uma reforma da política pública bem interessante “pra” cá. E isso a gente “tá” lutando “pra” que consigamos o ano que vem fazer isso, defender essa causa da educação. Acho que a educação é o pilar, acho não, tenho certeza, é o pilar do país e ela é muito mal direcionada, a organização da educação é muito ruim e isso reflete na vida, na saúde, no turismo, na fragilidade, na droga... Enfim, vários fatores que vão refletir por causa da falta de investimento na educação. E hoje também defendemos a educação diferenciada, não exatamente dentro da escola que você tem que aprender, mas o contexto da sociedade. (Jadson dos Santos, morador da Praia do Sono)

Sendo assim, podemos ver que são muitas as maneiras que as comunidades se organizam para formular e reformular suas memórias e sua cultura. Portanto, é possível entender também que existe m estratégias de negociação estabelecidas para que o modo de vida dos caiçaras, mesmo frente às mudanças, não perca o sentido.

3. Resistências e re-existências: caiçaras e o turismo

Para além das formas trabalhadas, vemos que as celebrações, ritos, festas, músicas, entre outras manifestações culturais, são atos de resistência. Contudo, essas celebrações não acontecem apenas nas comunidades caiçaras, mas em toda a cidade de Paraty, e muitas vezes se tornam eventos públicos, para a recepção de turistas. Nessas ocasiões em que se espetaculariza a cultura caiçara, podemos compreender que a mesma celebração de ritos e músicas se transforma em maneiras de re-existência. São reformulações que articulam novos elementos que valorizam e comercializam antigas tradições. Podemos dizer que são rituais em que se encontram o novo e o velho.

Seguem alguns exemplos desses eventos.

- **Ciranda**

A ciranda é uma manifestação muito presente no cotidiano do paratiense. Ela é uma mistura de dança e música, que relatam vivências e costumes caiçaras, através de músicas com um linguajar próprio. Os instrumentos mais utilizados pelos cirandeiros de Paraty são viola, pandeiro, cavaquinho e violão. As letras das músicas cantam os animais e o jeito de viver dos homens e mulheres caiçaras. É dançada em pares e formando uma roda. Atualmente, os grupos de cirandeiros cantam nas ruas e festas da cidade. A população paratiense tem uma relação muito forte com a ciranda, devido a sua presença em muitas festas. Praticamente, todos os moradores da região sabem as letras das canções e dançam as músicas.

- **Fest Juá**

O Fest Juá é uma festividade que reúne os caiçaras para uma competição de futebol entre as comunidades que fazem parte da Reserva Ecológica da Juatinga. É uma estratégia de unificação e estabelecimento de laços entre os moradores da área, podendo ser articuladora de resistências da cultura caiçara. Ao aproximar as comunidades, ela possibilita maior

envolvimento e estabelecimento de diálogos que selecionem objetivos comuns e negociações possíveis.

- **Festival de Inverno**

É um festival que evidencia elementos da cultura caiçara e seus costumes. Durante o festival são elaboradas atividades para crianças, jovens, adultos e idosos. As várias gerações se encontram em oficinas, encenações de teatro e atividades musicais. Ele acontece na Praia do Sono e é destinado a toda população de Paraty e turistas. Oficinas e outras atividades têm participação de outras comunidades de cidades vizinhas.

Essas manifestações são focos de resistência e re-existência da cultura caiçara, que possuem um mesmo objetivo: preservar valores e costumes de forma dinâmica. São resultados de hábitos culturais comuns de diversas comunidades que talvez possam de forma plural estabelecer formas de ser caiçara. Mesmo compreendendo o processo de identificação como não sendo fixo, compreendemos também que se algumas dessas formas de ser forem perdidas, essas comunidades serão apartadas de sua história e identidade cultural.

Assim, o contato com o turismo pode afetar alguns costumes e fortalecer possibilidades de manifestações. O que interessa, mais do que fazer uma leitura dicotomizada e polarizada que defina se ele é “bom ou mau”, é compreender como tais comunidades estão formulando e reformulando suas vivências para, em meio a tais negociações, permanecer com suas músicas, danças, ritos, conhecimentos e saberes.

A partir do contato com essas duas comunidades, pudemos compreender que essas manifestações são demonstrações de respeito e amor aos ensinamentos que foram passados por gerações anteriores, e os caiçaras entendem que a identidade de um povo está na sua história e na sua produção cultural.

Considerações finais

Existe uma visão romantizada sobre a vida das populações tradicionais, por viverem em áreas costeiras, praias com águas cristalinas, rodeadas por uma floresta tropical. Parece que vivem em um paraíso sendo essa representação limitada.

O caiçara luta pela sua sobrevivência e pela re-existência de sua cultura frente ao desafio do convívio com o outro e o turismo. Parte das reformulações exigidas estão relacionadas a articulação do crescimento do turismo nas comunidades. É importante que seja algo que auxilie na renda dos moradores, ao passo que permita a manutenção dos modos de ser formulados ao longo de suas existências e o pertencimento. A luta é contínua, assim como as negociações que ela exige entre a cultura, as tradições e os sentidos de vida.

Na fala e na prática cultural caiçara, passagens de suas histórias são reconstruídas, representadas a partir de um novo repertório. Essa reconstrução ganha uma função social que, ao se contrapor a uma intensa presença de uma cultura dominante, tem caráter de insurgência, resistência e re-existência que é capaz de recompor elos identitários e criar modos de viver.

Dessa maneira, compreendemos que o próprio registro da memória e a vontade desses entrevistados em darem seus relatos e se identificarem, pode ser compreendido como um ato de resistência e empoderamento. Contudo, é importante destacar que a memória e as expressões culturais de uma comunidade não podem se confundir com mais uma mercadoria para a sociedade de consumo.

Portanto, preservar a memória e a história da cultura caiçara não significa impedir seu desenvolvimento, mas conservar seus pilares constituintes, mesmo frente aos diálogos existentes, a fim de não perder saberes e costumes que dão fundamento a suas identidades.

Com isso, entendemos que seja fundamental compreender a fala desses homens e mulheres frente a um movimento constante de produção de identidades culturais, como processo de formulações e reformulações. Esse processo não é fixo, mas também não se articula de forma totalmente aleatória, uma vez que se baseia em seus modos de ser. No mais, compreendemos que ao ouvir as narrativas desses sujeitos podemos produzir novos conhecimentos a partir delas e com eles, e não apenas sobre eles, modificando representações estabelecidas historicamente.

Referências bibliográficas

BHABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CUNHA, J. de A. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações: Uma estratégia de preservação da memória, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009

DIEGUES, A. C. S. Diversidade biológica e culturas tradicionais litoraneas: o caso das comunidades Caicaras. São Paulo: USP, 1988. 37p.

DIEGUES, A. C. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 41ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GEERTZ, C. Studies in peasant life: community and society. Biennial Review of Anthropology, Vol. 2, 1961, p. 1-41. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2949217?casa_token=bwQL-rIobY6MAAAAA%3A57imv1m3DO-JSnA3XVctdBsOmn8F_0f9-5-4FYQsSA_ogrg3oKm799boem1XU-gWyPoWiByW-tuMtQ1Nc6L24kxos871esE_ZNk-fPKOBdnP6Qgo3DZ8OcNJ. Acesso em: 12 fev 2023.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LE GOFF, J. História e Memória. Lisboa: Edições 70, 1982.

MENEGHELLI, L. O ambiente das organizações na era da globalização. In: Publicação do Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2016. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/1514c5e23e9e9184?projector=1>. Acesso em 28 de novembro de 2021.

NORRA, P. Entre memória e História. São Paulo: Projeto História, 1993.

RIBEIRO, S. L. S. Processos de mudança no MST: história de uma família coope-rada. São Paulo, Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP, 2002.

RIBEIRO, S. L. S. Visões e perspectivas: documento em história oral. Oralidades (USP), n.2-Jul-Dez/2007, p.35 - 44, 2007.

ROCHA, E. do P. Nomes, rezas e anzóis: tradição e herança caiçara, 2005, 101 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

RANGEL, L. A., MARTINS, M. B, e GUERRA, A. J. T. Impactos ambientais causados pela utilização de trilhas na reserva ecológica de Joatinga, Paraty, RJ. I Encontro Fluminense de Uso Público em Unidades de Conservação - UFF/RJ, v. 1 n. 3, 2013. Disponível em: https://periodicos.uff.br/uso_publico/article/view/28715. Acesso em 13 fev 2023.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, V. C. dos. Populações tradicionais litorâneas: O modo de vida caiçara. Revista de Geografia, s/1, v. 2, n. 2, p, 1-5, 2013.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. SILVA, T. T. (Org.) Identidade diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, p. 73-102.

SIMÕES, E.; NAVARRO, F. C. S.; BUS-SOLOTTI, J. M.; Junior Planejamento Ambiental da Bacia Hidrográfica de Ubatumirim - instrumento de justiça socioambiental. São Paulo: Páginas e Letras, 2016, v.1. 114 p.

SOARES, T. M. S. É da roça: História Ambiental dos caiçaras da Península da Juatinga/RJ e sua relação com a conservação da natureza, 2006, 100 f. Monografia (Graduação em História Ambiental) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.